



Tema:
**"OS DESAFIOS DA INTERNACIONALIZAÇÃO
NA UNIMEP"**



11º UNICULT - VII Concurso de Contos e Crônicas

UM BOM CONDUTOR

Autor(es)

VITOR BATISTA

Contos / Crônicas

Passam este mês 28 anos desde quando entrei ao serviço da empresa para a qual ainda trabalho.

Bem sei que nos dias que correm tal circunstância é uma raridade e mais ainda se atendermos às atuais condições de emprego, ou melhor de desemprego, cujo número aumenta todos os meses para valores até à pouco tempo inimagináveis. Por isso devia eu bater palmas com quatro ou cinco mãos, se as tives-

se claro está, para dar largas à minha satisfação, já não tanto pelos meus 28 anos de serviço, mas tão só e apenas por poder dizer que trabalho, que estou empregado. Outros há, e já são mais de meio milhão, que não podem dizer o mesmo que eu, sendo que alguns jamais o dirão porque pela idade que têm, são velhos para trabalhar ou muito novos para se retirarem. E ninguém dá ou arranja uma solução para este embaraçante dilema. Ninguém quer saber da situação desta gente!

Neste tipo de ligação a uma empresa, diz a voz do povo, que tanto tempo assim é uma vida, o que me leva desta vez a não concordar com a sabedoria popular, visto que são 28 anos, mas se fossem 32 ou 40, o povo diria o mesmo; é uma vida. Não sei explicar se esta minha tomada de posição aparece como um sentimento de revolta, por não estar a fazer a tempo inteiro aquilo com que sempre sonhei, ou se se fica a dever apenas à discordância pontual com a voz do povo. Talvez apareça aqui uma mistura, ainda que não homogênea, das duas situações.

Quero com isto dizer que desde miúdo e quando me perguntavam o que queria eu ser quando fosse ho-mem, a minha resposta era invariavelmente a mesma; quero ser jornalista!

Hoje reconheço quanto frustrante tem sido a minha vida profissional, na medida em que o meu sonho de criança jamais se concretizou e eu não sou jornalista, mas ao mesmo tempo sou realista porque vejo as coisas pelo lado do dinheiro, bem mais importante nos dias que correm que a ilusão que trago dos meus tempos de gaiato.

Contudo, nunca desisti dos meus intentos de ganapo, mas sei reconhecer que tal escopo se torna cada

vez mais difícil de atingir, não só pela minha idade que não deixa de avançar, e estou a cair na mesma situação dos outros lá mais atrás, mas principalmente pela grande dificuldade de arranjar um emprego compatível com os meus desejos, quando o galopante desemprego aumenta a cada dia que passa.

De qualquer modo aceito e reconheço que esta minha ligação de 28 anos à empresa, não sendo obriga-tória torna-se necessária e imprescindível, porque além de mim, lá em casa há mais gente a depender do final de cada mês, onde até agora nunca ninguém registou qualquer falha. Neste aspecto a minha em-presa tem um patrão de se lhe tirar o chapéu. Nunca pôs em causa, ou melhor, os nossos vencimentos estiveram e estão sempre à frente de outras precisões da própria empresa. Este pequeno grande por-me-

nor, aliás como outros que não vêm agora ao caso, têm vindo a contribuir para fazer adormecer o meu bichinho de criança, o de querer ser jornalista. Quero mesmo dizer que olhando com olhos de ver para a situação que atualmente o país atravessa, estou cada vez mais ciente que ser jornalista foi chão que já deu uvas. Mais vale o meu emprego na mão, do que ser jornalista sem jornal e sem trabalho. Digo eu!

Esta é agora uma maneira de pensar, de analisar a questão do jornalismo, se bem que lá no fundo, bem lá no fundo das minhas convicções, ainda lá encontre um pontinho negro, pequenino, quem tem a ver com as minhas afetividades jornalísticas e que talvez ainda possa colocar em 2º plano, talvez não, os 28 anos de casa na minha empresa. Nada disto pode causar admiração porque são situações distintas, na medida em que se por um lado não há amor como o primeiro, pelo outro existe a sobrevivência do meu conjunto familiar.

Tudo o que ficou exposto não dá para causar grande surpresa e muito menos espanto ou pasmo, pelos meus 28 anos de trabalho na mesma empresa, no caso a Escola de Condução Narciso, cujo lema é bem conhecido de todos, “Aqui Ninguém Chumba”.

A Escola tem seis funcionários administrativos, incluindo o dono, que ninguém distingue como tal, pois ele sempre que está presente executa todas as tarefas, como se dum funcionário normal se tratasse. Eu, logo a seguir ao dono, sou o empregado mais antigo, pois fui o primeiro a ser contratado, e reparem só que tal aconteceu no século passado. Daí os meus 28 anos de trabalho na Escola de Condução.

Tudo isto faz com que conheça tão bem a Narciso, algumas vezes ainda melhor que as minhas próprias mãos.

Como já deixei ficar bem exposto, nunca a Narciso teve problemas para satisfazer os seus compromissos com fornecedores e menos ainda com os seus colaboradores, que nunca deixaram de receber os seus vencimentos um pouco antes do final de cada mês. Nada disto causará admiração se disser que algumas vezes a Escola de Condução não pode aceitar mais alunos para a aprendizagem porque não tem espaço físico suficiente, não tem instrutores e menos ainda carros que cheguem para tanta gente. O lema da nossa Escola de Condução atrai muita clientela, pois todos pensam que na Narciso se tira a carta de condução com uma perna às costas.

De qualquer maneira, se o lema chama muita gente à Escola de Condução, também um passatempo que em tempo oportuno foi lançado, atrai bastantes pessoas aos nossos balcões para as muito difíceis inscrições. Este concurso foi posto em prática numa altura oportuna e nasceu duma ideia do próprio dono. Consiste em dar a fazer um teste a cada inscrito, com uma série bem grande de perguntas de carácter geral, por sinal nada fáceis de responder e assinalar. Quem dos concorrentes, se assim puderem ser chamados, ficar acima de 90% de acertos, tira a carta de condução sem gastar um cêntimo.

Depois do sucesso obtido com esta pequena mas bem difícil paciência, eu próprio propus ao patrão um

outro passatempo, que foi aceite, mas virado para o exterior da escola. Quer dizer, seria destinado a todos os que já tivessem carta de condução, independentemente de terem sido ou não tiradas na nossa Escola de Condução. Apesar de ser eu o autor da ideia sobre esta nova prova, de ter rascunhado umas quantas normas que julgava essenciais, foram as entidades competentes que elaboraram e aprovaram as regras. Como ponto fundamental, que tive o cuidado de colocar nos meus rascunhos e que foi de pronto aceite pelas autoridades, achava eu que tudo deveria ser feito sob forte sigilo, em completo segredo, porque, caso contrário tudo perdia o interesse.

Senão reparem. O concurso é dirigido aos condutores, dos quais é escolhido um que esteja já a circular e que vai ser seguido por um carro patrulha disfarçado, que o acompanhará durante o tempo que for julgado suficiente. Durante este período, os agentes vão registando os erros e as infrações cometidas, sem que haja direito à passagem de qualquer multa, porque o condutor está, sem o saber, a concorrer. Por fim haverá um prémio monetário, oferecido ou não ao condutor que esteve a ser observado pelas autoridades competentes.

Como mentor do passatempo em causa, quis seguir de perto o procedimento estabelecido pelas regras.

Por isso fui num carro patrulha disfarçado onde escolhemos então e casualmente um condutor, que nos pareceu ser de qualidade para o concurso. Andámos atrás dele durante toda a semana, tendo o cuidado de todos os dias trocar de carro, para não darmos nas vistas. No fim e por consenso geral, os três elementos do júri concluíram que o homem, que conduzia uma carrinha de nove lugares, o fez sempre sem cometer qualquer infração, sem fazer qualquer erro e seguindo sempre as normas do código da estrada, pelo que decidiram por unanimidade oferecer-lhe o prémio correspondente

Então, no último dia do concurso e já depois de tomada a decisão sobre o “concorrente” vencedor, o co-mandante da patrulha colocou o pirlampo sonoro no tejadilho do carro, aproximou-se do condutor acabado de premiar e mandou-o encostar na berma da estrada. O chefe da patrulha estava à civil, pelo teve necessidade de se identificar. Nesta ocasião, o homem da carrinha de nove lugares só não caiu para o lado porque estava agarrado ao volante. Dizia o condutor premiado para o agente chefe, com uma voz tão sumida que mal se percebia, que não tinha feito nada de errado, que tudo aquilo não passava dum engano e por aí fora.

Para acalmar o condutor da carrinha foi necessário deixar passar algum tempo, para de seguida se lhe explicar o que estava a acontecer, naquele preciso momento. Então com o homem muito mais tranquilo, mais sereno, disseram-lhe que tudo aquilo era para um concurso, patrocinado pela Escola de Condução Narciso, com o apoio da brigada de trânsito, tendo-lhe sido mostradas as regras e os procedimentos regulamentados e em vigor, dizendo-lhe de seguida que não tinha havido qualquer problema com ele, nem mesmo com a sua condução. O homem até respirou fundo!

De seguida disseram-lhe que ele tinha sido controlado toda a semana, durante a qual ele conduzira a

carrinha com toda a segurança e sempre de acordo com as regras de trânsito. Por esta razão e por ter mostrado ser um ótimo condutor, tinha direito a receber um prémio monetário. O homem exultou de contente e só não deu salto maior, por estar sentado ao volante.

Muito mais à vontade que no início da conversa, o condutor da carrinha perguntou qual era o valor do prémio. Eu, como representante da Narciso, entreguei-lhe de imediato um cheque de 500€. O homem ficou espantado, por ter recebido todo aquele dinheiro e um tudo nada nervoso e a custo balbuciou; dá-me muito jeito, é verdade, dá-me cá um jeitão que os senhores nem calculam. Este cheque veio no me-lhor momento, veio mesmo a calhar.

Vendo o homem tão satisfeito, tão feliz com o cheque na mão, o comandante da patrulha que o tinha “examinado”, viu-se quase que na obrigação de lhe perguntar o que ia ele fazer com o dinheiro do pré-mio, que tinha acabado de ganhar. Quase de imediato, que até parecia que tinha a resposta na ponta da língua, o condutor vencedor disse:

-Olhe senhor agente, este cheque que aquele senhor me entregou, e que acabei de ganhar por ser um bom condutor, vai retornar à Escola de Condução Narciso. Eu prometo, mas prometo mesmo, podem acreditar, que agora sim, agora já não tenho qualquer desculpa, com este dinheiro que acabo de ganhar, aproveito e...vou tirar a carta de condução.

!!!!!!!!!!!!

Fernando de Sousa